

25 DE AGOSTO DE 1893.

Evolução

Revista litteraria, scientifica e critica.

REDACTORES :

*Luiz Agassiz, Flavio Belleza,
Vianna de Carvalho,
Leite de Berredo, Francisco Barretto,
Côrtes Guimarães,
Eutychio Galvão e José da Penha.*

Nada do que é grande começou grande.

JOSÉ DE MAISTRE.

Escutar sempre, pensar sempre, aprender sempre ;
— eis o que é viver.
Quem não aspira a mais nada, quem não aprende
mais coisa alguma— não é digno de continuar a exis-
tir.

FEUCHTERSLEBEN.

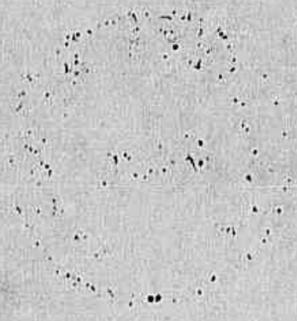
FORTALEZA

TYP. UNIVERSAL— RUA FORMOSA, 33
CUNHA, FERRO & C.^a

1893



52-3.173



SUMMARIO:

Phantos. Protesto — Francisco Barretto de Menezes. Um ligeiro estudo sobre a civilisação dos romanos — José da Penha. Murmúrios — Luiz Agassiz. Sobre o elemento sensível — R. Farias Britto. O nome d'ella — Flavio Belleza. Sobre o suicidio — Virgilio Côrtes Guimarães. Nocturno — Borges de Carvalho. Na Serra — Vianna de Carvalho. Mignone... — Fernandez Sollér. Mathematica — (Transcripção). Vencido — Eutychio Galvão. Sonhos e Hallucinações — L. F. Estudos orographicos do Brazil — Alcibiades Mattos Guerra. Chronica — Franbarne.

EVOLUÇÃO



Fortaleza, 25 de Agosto de 1893.

“PHANTOS”

A Litteratura e a Arte, que são as duas mais sublimes representações da harmonia e perfeição absolutas da Natureza, seguem fatalmente ás evoluções da Philosophia e da Religião.

Cada seculo tem, mais ou menos, uma tendencia litteraria ou artistica e uma philosophica e religiosa.

Na poesia primitiva, domina o sentimento religioso espontaneo: o homem, inteiramente ignorante das leis naturaes, fascinado pelo esplendor da aurora tingindo o oriente de purpura e violeta, pelos mansos sussurros dolentes das florestas, pelo chapinhar monotono, suave dos regatos traçando fios scintillantes de chrystal na verdura luxuriante das campinas, pela melancholia serena, mystica, da hora crepuscular em que as sombras alongam-se nas planicies, os campos silenciam e exhalam baforadas embriagantes de perfume e oxygenio... E' a inspiração vibrando no organismo e elevando-se como a myrrha dos pagodes indianos, para uma *Causa* sobrenatural, misteriosa, que elle sente sem explicar, como si fosse um grito subitito, vigoroso do Espirito destinguindo Deus atravez da nevoa do desconhecido e da noite cerrada, escura, muito escura e fria, da materia.

Com a incarnação das forças em deuses, a poesia toma um caracter mais definido. Depois, eliminados os deuses pela influencia das religiões monotheistas, apparecem os heroes. E, assim, quer no dominio da Arte, quer no da Litteratura, as transformações acompanham as da Philosphia e da Religião.

Do mesmo modo, as faculdades que originam estas duas ordens de factos, são inseparaveis.

O raciocínio, abrindo caminho para o conhecimento, retalha, desfibra, examina essa região nebulosa de mysterios, com uma inflexibilidade de anatomista que não possue nervos para sensibilisar-se: illumina e eleva; a imaginação, núa de severidade, sem este aspecto austero que constitue o verdadeiro caracter scientifico, cria paisagens espirituaes inundadas de frescura primaveril, pintalgadas de flores e verduras, esparge côres e sons; em uma palavra: colóra e deleita

Mas, uma (a imaginação) completa o prazer que a outra (raciocinio) nos proporciona.

A influencia social de uma eschola philosophica, traz uma nova direcção, de accordo com as concepções estabelecidas 'nessa eschola, na Arte e na Litteratura.

Depois do sentimentalismo do poeta *des Confidences*, irrompe forte, novo e largo, o romance experimental de Zola, Flaubert, Goncourt, de Maupassant, etc, devido á influencia das doutrinas de Augusto Comte.

Por sua vez, esse romance de analyse de que Balzac é considerado como o verdadeiro fundador, ha de ser substituido e não muito tarde.

A attenção dos venerandos realistas, tem convergido para uma seita litteraria ultimamente criada e que considera-se a continuadora do realismo.

Queremos fallar do *Decadismo* que prepara « les éléments foetusiens de la grande litterature nationale du XIX siècle » como dizem arrogantemente os seus chefes: Adoré Flouppette, René Ghil, Verlaine, Noël Loumo, Ste-

phane Mallarmé, Jean Moréas, Anatole Baju, etc.

Pode-se perguntar mui judiciosamente: que escola philosophica tem influido 'nestes ultimos tempos em Paris, a fim de dar essa nova face á litteratura franceza ?

O Idealismo, o Boudhismo e sobretudo o Espiritismo.

Com effeito, Eça de Queiróz escrevendo de Paris, assignala a derrota completa do Positivismo, mostra o ardor da mocidade parisiense para o Idéal, a queda inevitavel do romance de Zola e o renascimento do drama religioso, etc, etc.

A Alma por tanto tempo esquecida, abandonada, agonisante pela asphixia do livre exame, banida irrevogavelmente do dominio da sciencia, desperta mais serena e augusta, envolta na luz transcendental do Espiritismo.

Em Portugal, vai tomando proporções mui vastas, essa extranha escola do *Decadismo*, que è o arranco do espirito humano para uma nova ordem de coisas que satisfaçam melhor ás aspirações infinitas de nossa Alma.

Eugenio de Castro, Antonio Nobre, Guerra Junqueiro, D. João de Castro, João Barreira, são os iniciadores d'essa revolução litteraria na lingua portugueza.

Mas o *Decadismo* para tornar-se acceito por todos os que cultivam a litteratura, muita difficuldade tem ainda a vencer.

Effectivamente, ao ouvido habituado á harmonia rigorosa do verso sujeito a todas as regras da Metrificação, dóe, dóe muito, essa liberdade do decadista que arranca e apresenta a idéa palpitante, verdadeira, sem retoques, tal como ella boia-lhe no pensamento.

Demais, essas concepções exquisitas, ás vezes irritantes pela complexidade e fluidez da forma, esse emprego severo de palavras, como meio indirecto de evocar as imagens que se concebem, tornam por emquanto, o *Decadismo* inaceitavel, sobretudo para aquelles que não comprehendem o seu alcance d'elle.

Achamos, por isso mesmo, que molda-se mais facilmente á prosa do que ao verso.

Ahi está o livro «*Gouaches*» do Sr. João Barreira, cheio de paginas febris, nervosas, espiritualizadas de mysticismo e de formulas rythmées, abundantes de trechos que são verdadeiros enigmas ou antes equações insolúveis, mas onde ha imagens e periodos de um encanto admiravel e raro.

E, para tornar mais patente o que acabamos de dizer, basta observar que ha versos decadistas, nada mais, nada menos do que uma verdadeira prosa...

Será isso prenuncio do anniquilamento da poesia ?

Não o cremos senão em um futuro mui longinquo, quando a sciencia faiscar em todos os cerebros e quando o organismo humano modificado pela influencia fatal do meio, chegar a não experimentar essas sensações agudissimas que só têm remedio na poesia.

Os decadistas attribuem ás palavras, propriedades evocativas dos sons, das côres e até mesmo dos perfumes.

O «Grande Dictionnaire» de Pierre Larousse transcreve o que diz sobre este ponto importante do Decadismo, o Sr. René Ghil em seu *Traité du Verbe*: «Que surgissent maintenant les couleurs des voyelles, sonnant le mystère primordial ! et sans plus loin aller, je saluerai, de stricte magnificence, le sonnet du poète maudit, Arthur Rimbaud formulant la theorie du maître qui des nuances se rejouit: Paul Verlaine!

Or il ne vit que l'on pouvait plus hardiment pénétrer en l'Arcane, et les Voyelles, qui devenaient couleurs, les lever á l'ultime progrès d'instruments résonnants, ultimement domptés. Mais d'Arthur Rimbaud la vision doit être revue, ne l'exigerait qui l'erreur sans pitié d'avoir, sous la Voyelle évidemment simple U mis une couleur composée, le Vert.

Colorés ainsi se prouvent á mon regard exempt d'antérieur aveuglement les Cinq :

A, noir ; E, blanc ; I, bleu ; O, rouge ; U, jaune ; dans la très calme royauté des cinq durables lieux s'épanouissant le monde au soleil ; mais l'A, étrange en qui s'étouffe des quatres autres la propre gloire, pour ce qu'étant le disert il implique toutes les présences.»

Quanto ao modo extranho da escolha de palavras raras que encerram symbolismo, o mesmo «*Diccionario*» dá a palavra a Stéphane Mallarmé, que assim se exprime : «A quoi bon la merveille de transposer en fait de nature en sa presque disposition vibratoire, selon le jeu de la parole cependant, si ce n'est pour qu'en emaux, sans la gêne d'un proche ou concret rappel, la notion pure ? Je dis: une fleur ? et, hors de l'oubli où ma voix relégue aucun contour en tant que quelque chose d'autre que les calices sus, musicalement se lève, idée réeuse ou altièrre d'une fonction de numéraire facile et représentatif, comme le traite d'abord la foule, le parler, qui est, après tout, rêve et chant, retrouve chez le poète, par nécessité constitutive d'un art consacré aux fictions, sa virtualité.

Le vers qui, de plusieurs vocables, refait un mot total neuf, étranger à la langue et comme incantatoire, achève cet isolament de la parole, niant, d'un trait souveraine, le hasard demeuré aux termes malgré l'artifice de leur retrempe alternée en le sens et la sonorité, et vous cause cette surprise de n'avoir ouï jamais tel fragment ordinaire d'élocution en même temps que la reminiscence de l'objet nommé baigne dans une transparente atmosphère.»

Eis, mais ou menos, as linhas geraes do Decadismo. E' tempo já de fallarmos no «Phantos» versos symbolistas do Sr. Lopes Filho.

Attendendo á influencia extraordinaria que exerce o physico de um individuo sobre o seu moral, temos a obrigação de gravarmos aqui o perfil do seu auctor.

• Lopes Filho é franzino, anemico e esguio, o que torna-o cada vez mais debil ; portanto ao musculo substitue

o nervo ; d'ahi, a tumultuosa onda de sensações que naturalmente deve experimentar o seu organismo.

Lymphatico e nervoso.

A face descorada e magra, o olhar de um brilho frio de metal, envolve os seres lentamente, preguiçosamente, e diz esse cansaço précoce que invade a Alma dos tristes.

Lopes Filho ama a Arte com o amor violento, exquisto, imperessível do homem intelligente que, á força de raciocinio e de provações atrozes, açoitado pelo chicote do scepticismo social, escolhe um alvo para onde atiram-se, 'numa soffreguidão de febre, as caravanas das aspirações...

Vejamos o seu livro.

Em primeiro lugar, esses versos que occupam 68 paginas, não são todos pertencentes á eschola nephelibata.

Sente-se em alguns, laivos de *Parnasianismo* que põem notas harmoniosas, tranquillias, suaves, no meio d'a quella epilepsia de sons.

O sentimento dominante é a tristeza.

Lopes Filho é um nostalgico do Amor.

E' o que se vê do soneto XXIV á pagina 35 :

Do coração no negro cemiterio,
Jaz enterrado o meu primeiro Amor,
Dormindo o grande somno do mysterio,
Pobre cadaver ! seu caixão é a dôr !

.
.

Goivos tristonhos de minha Alma em lucto :
Não ha magua humana comparada ao bruto
Desespero que opprime-me e tortura !

Hamlet ! irmão na Dôr e na incerteza,
Vem de alem-tumulo, onde tua Alma resa,
Guiar meus passos nesta vida escura !

Ha ahi tambem versos ao genero de Souly—Proudhomme.

E' exemplo o soneto «Os vencidos da vida», no qual transparece esse abatimento incomprehensivel, essa ausencia de alegria, o avassallar estúpido da duvida e o appello sublime, augusto, ao tumulto que é o unico, o verdadeiro leito dos viuvos da Esperança :

De nosso labio triste e descorado
Murcha a flor vermelha da Alegria ;
E o nosso rir é um rir contrariado,
Sempre amarello e cheio de Ironia. . .

.
.

Vamos pois, meus amigos, no abandono !
Resta-nos hoje o derradeiro Somno !
—Coveiros ! onde estão os nossos Leitos ?

Na poesia «O Anginho» á pagina 10, mostra o auctor o typo da poesia nephelibata, assim como na «Igrejinha» de uma forma simples e natural, que termina com uma prece á Virgem Santa... Mas onde Lopes Filho patenteia toda a originalidade que o caracteriza, é na segunda parte do livro: «Véllos», offerecida a Americo Barreira.

Compõe-se de cinco sonetos, aos quaes o auctor deu o nome de «Esculpturas».

O primeiro é um primor no genero ; de uma concepção exquisita e rara ; de uma forma bella e attrahente:

Como aerea visão que a noite vaga
Nas ruinas de um templo abandonado,
Vejo-a, a luz do luar, que em cheio affaga
Suas faces, num beijo apaixonado !

.
.

Seu labio esboça o riso de uma morta!
—Grito que seu Coração já não supporta :
Um suspiro... talvez uma Esperança. . .

No quarto «Nunca», Lopes Filho soube exprimir com muita justeza, perfeição artistica e sentimento, esse desvairado anseio, essa angustia e o tormento asphixiante que a gente sente quando não póde vasar na alma do ser amado, todo o carinho e affecto de noss'alma.

Mas, seja-nos permittido dizer, ao lado de versos em que Lopes Filho revela claramente o seu temperamento artistico, alguns existem que são verdadeiras quédas...

Isso não diminue, ao nosso ver, o merito do «Phantos».

Ao contrario, seria de extranhar que um livro de estréa, sobretudo n'essa eschola que ainda não está bem divulgada, viesse inteiramente correcto.

Tambem, no percurso da obra, tivemos de observar alguns erros grammaticaes que, por serem demasiadamente *fortes*, não permittiram suppor que fossem filhos do auctor, e sim devidos aos descuidos dos typographos.

Continue, pois, o Sr. Lopes Filho a escrever versos na eschola a que se alistou; mas, antes de tudo, deverá ser inclemente para com os erros originados da incuria ou má vontade dos typographos, por isso mesmo que, se a critica sensata reconhece-os como tal, não faltará, porém, quem sirva-se d'elles para saciar a sede inexgotavel do ridiculo.

PROTESTO

A FLAVIO BELLEZA

Alice, eu disse que por ti guardava
Profunda lava de affeições febris,
Ledos segredos que a ninguem dizia,
Contei-te um dia e me julgei feliz.

Ditoso e ancioso as expressões mais francas
Em telas brancas de tua alma li ;
Confuso, illuso interpretei ternuras,
Onde ás escuras a maldade ri.

Amei-te e dei-te muitos sons na lyra,
Ah ! foi mentira o que julguei real !
Sonhava e amava, mas o affecto todo
Lançaste ao lodo á indifferença, ao mal !

Eu lia e via nos teus olhos bellos
Castos anhelos de amorosa luz !....
Engano insano de um amor eterno !. .
Eras o inferno que o meu ceu suppuz !

O drama em chamma das paixões não trazes,
Não lê's as phrases deste livro em flôr ;
Nenhuma em summa tu lerás, eu creio...
Nunca o teu seio palpitou de amor !

Louco e não pouco te adorei sincero,
 Hoje nem quero desse amor signaes !...
 Supremo, extremo te adorei deveras,
 Digna não eras, nãe te adoro mais !

Murmures, jures possuir um peito
 Rico e perfeito, que não creio eu !...
 Pobre, mas nobre um coração me falle,
 Torpe se cale de vergonha o teu !

Senhora, agora no teu peito morto
 Tenho o conforto de não mais tocar !
 Murmuro, juro não tornar-me esquivo
 De um peito vivo de quem sabe amar !

Ceará—92.

Francisco Barretto de Menezes.



Um ligeiro estudo sobre a civilização dos romanos

Antes de entrarmos no desenvolvimento do assumpto, de que nos propomos tratar, devemos observar ao leitor que nós, não estando affeito ás lides litterarias, não podemos satisfazer a sua expectativa no trabalho que lhe apresentamos.

Entretanto esperamos elle seja bem acolhido, porque geralmente os espiritos cultos protegem os que, inspirados nos intuitos de saber, procuram o caminho por elles trilhado, dissipando, ao passo que se lhe offerecem os recursos, as trevas da ignorancia « a mais

perigosa de todas as molestias moraes e a causa de quazi todas.»

Seria mais um estímulo para nos dedicarmos ás cogitações litterarias—o favoravel acolhimento que tivesse o primeiro producto das nossas lucubrações.

Por sermos um dos muitos apreciadores do mundo antigo, cujas civilizações serviram de molde as civilizações modernas, escolhemos este assumpto para mais estudal-o, pois convem tanto ás nossas crenças.

Esta observação de absoluta necessidade para nós, fizemol-a com o fim de prevenirmos o leitor da nossa incompetencia para tratarmos com proficiencia de assumptos tão difficeis, e de fazer-lhe sentir que não é o espirito de vaidade, mas o desejo de aprender que nos estimula a traçar algumas linhas.

Agora, que ao nosso entender, nos justificamos perante o leitor, podemos começar a nossa tarefa.

INTRODUÇÃO

Dos monumentos historicos que nos legou a antiguidade, concluimos ser a civilização romana, de todas as que nos precederam, a mais extensa e a que mais se approxima de nós, se exceptuarmos a arabe.

A mais extensa porque comprehendia quatro das mais antigas civilizações: a egypcia, a phenicia, a chaldéa e a grega.

O imperio romano, um dos mais vastos que o mundo antigo conheceu, dominou—pelas suas prodigiosas conquistas—muitos povos de differentes raças, que se extremam entre si pelos diversos caractéres que apresentam.

O centro d'este enorme systema, que abrangia parte da Azia, parte da Europa e uma parte consideravel da Africa, era a Italia.

A Italia ja apparece para a historia como sendo habitada por trez raças differentes: etruscos, japygios e italiotas, não entrando em linha de conta o elemento

grego e outros cujos caractéres ainda não são bem conhecidos.

Muito incerta é a origem d'estes povos, apesar das muitas inscripções que nos deixaram. Os italiotas, d'estas raças a mais importante pela civilização que elaborou, appareceram estabelecidos na Italia central. Dividiam-se em dois grandes grupos, o dos latinos e o dos umbro-samnitas. Estes grupos eram determinados pelas linguas que fallavam.

Os romanos pertenciam ao grupo dos latinos.

Prescindamos d'estas noticias historicas e nos occupemos do nosso objecto principal. Incontestavelmente a civilização romana é uma das mais brilhantes de que temos conhecimento, e a que mais nos interessa pelos muitos pontos de contacto, que apresenta com as civilizações do nosso occidente, as quaes, na expressão de um historiador moderno, « são romanas pela religião, pela litteratura, pela legislação e pelo espirito de cosmopolitismo que era a feição caracteristica da civilização dos ultimos tempos do imperio. » Em uma palavra: d'ella procedeu a nossa civilização.

Entre os espiritos pouco familiarizados com a historia á idéa de civilização romana associa-se a de sua originalidade.

Os romanos não foram originaes, se exceptuarmos a elaboração do direito e algumas instituições politicas.

De posse de tão grande imperio lograram a civilização do oriente, que lhes proporcionou thezouros de intelligencia accumulados pelos magos, sacerdotes de Izis e philosophos gregos.

As primeiras noções de agricultura e astronomia receberam dos egypcios; as de commercio dos phenicios.

Em philosophia e rhetorica foram discipulos dos gregos.

E' verdade que imitaram estes em sciencia e litte

ratura, porem nos ultimos tempos do imperio produziram obras que podem ser comparadas com as dos mais bellos tempos da civilização hellenica.

Em politica, podemos dizer, os gregos teriam sido discipulos dos romanos, se as suas civilizações (grega e romana) fossem contemporaneas.

Os romanos conheceram e experimentaram todas as formas de governo; instituiram o municipio, modelo dos municipios modernos, e finalmente constituiram um estado com unidade e centralização, o que os gregos jamais conseguiram, porque não conheceram mais que a cidade

Ainda os romanos foram superiores aos gregos em religião.

No começo, e até o declinar da republica, a religião dos romanos era um naturalismo impregnado de dogmas da religião do oriente e lendas da mythologia grega.

Esta religião, cuja interpretação ja se tornava difficil ás classes vulgares, foi no tempo de Constantino, quando a civilização chegára ao mais alto gráo de perfeição, substituida pelo christianismo, que veio corresponder a uma das maiores necessidades.

Apezar das perseguições que lhe moveram Nero Trajano, Domiciano, Septimo Severo, Deocleciano e outros, elle triumphára do paganismo, completando a evolução moral dos romanos.

Assim não podia deixar de ser.

Ao lado desta religião, que se tornára cosmopolita, combatiam muitos apostolos intrépidos e desinteressados capazes de arrostar com todos os sacrificios.

Começaram angariando adeptos entre as classes baixas da sociedade; depois ja pregavam a sua doutrina em todos os cantos do imperio e a todas as classes até que viram a nova religião conquistar um ascendente definitivo no espirito de quazi todos os povos.

Como principaes meios de defeza tinha o christianismo os seus doutores versados em legislação, os quaes muitas vezes tiraram proveito das suas polemicas, como Aristides e Juliano nas suas apologias apresentadas a Adriano; tinha os seus philosophos para se baterem com os doctrinarios da religião antagonista; tinha a forte organização, que se manifestava pela fundação de uma igreja, e tinha finalmente a sua moral que tanto contribuiu para a modificação dos costumes de Roma.

Foi nestas circumstancias que Constantino publicou o edicto de Milão que authorizava os christãos a exercerem livremente o seu culto.

Inspiradas pela doçura, humanidade e moral desta religião foram as leis que, logo após a sua tolerancia, crearam azylos para os mendigos amenizaram os castigos dos escravos e finalmente prepararam terreno para a constituição definitiva da familia.

Agosto de 1893.

José da Penha.

(Continúa).

MURMURIOS

I

Ah! se vencesse as pedras em dureza
o coração que tenho!...
e se torcendo embora a natureza
fôsse estranho aos encantos da belleza
como alheio ao orvalho é o secco lenho!...

II

Quaes de um regato as aguas pressurosas,
que vão serenamente
deslizando por entre as meigas rosas,
sem se voltarem para as mais formosas,
quizera eu ter minha alma indifferente !

III

Dos escalvados campos onde os galhos
não no podem deter
foge da serpe o cervo nos atalhos,
e eu não soube fugir aos meus trabalhos,
—essas madeixas côr do meu soffrer !...

IV

Aquelles puros olhos eu quizera
jamais poder fitar !
O sol a dardejar do azul da esphera,
ferir-me a vista menos bem podéra
que d'essa ingrata o brando, o doce olhar !

V

Mas é, meu Deus, tão linda, tão mimosa,
que eu tenho para mim,
seria a pedra molle, a pressurosa
agua voltára, o sol fôra uma rosa,
parára o cervo vendo-a linda assim !...

Luiz Agassiz.

SOBRE O ELEMENTO SENSIVEX

A intuição mechanica reduz todos os phenomenos a um só principio—o movimento—, que pode representar-se pela formula—força e materia— e resume o conjuncto da natureza. Mas esta intuição é falsa e somente nos faz conhecer uma das faces das cousas, deixando inteiramente esquecida, a outra que é talvez a mais importante. Cada phenomeno além de seu aspecto exterior explicavel em funcção do movimento, tem o seu lado interno que escapa ás cathegorias da força. Esse lado interno dos phenomenos pode ser representado pela palavra sentimento, de maneira que a formula geral da natureza deve ser, não—força e materia—; mas — movimento e sentimento.—

O movimento é que tem sido principalmente objecto da investigação scientifica e é observado em todos os factos naturaes desde as manifestações mais grosseiras da materia até as mais elevadas producções do espirito. O sentimento manifesta-se somente nos seres organicos, isto é, nos seres dotados de vida, de onde se conclue que o sentimento é uma propriedade vital.

Compreende-se assim, á primeira vista, que a noção do movimento é mais ampla que a noção do sentimento, porque ao passo que o movimento manifesta-se em toda a natureza, o sentimento só pode ser observado numa pequena parte, isto é, na natureza organizada. Entretanto bem interpretadas as cousas e considerando-se em toda a sua amplitude a verdadeira significação dos phenomenos psychicos, chega-se a reconhecer que a noção do sentimento é mais profunda e mesmo de natureza mais geral que a noção do movimento.

Com effeito, o conhecimento da natureza é simplesmente uma representação da phenomenalidade, e como tal não é conhecimento da *cousa em si*, mas unicamen-

te conhecimento de uma apparencia, esforçando-se indefinidamente o espirito por elevar-se desta apparencia ao conhecimento da *cousa em si*. Deste modo o movimento é propriamente a apparencia, e o sentimento, noção muito mais fundamental, representa um facto que serve de intermediario entre a apparencia e a *cousa em si*, podendo mesmo dizer-se que é o começo da *cousa em si*. Em outros termos: o movimento é uma modificação externa, e o sentimento, uma modificação interna na evolução da natureza: o movimento é o que apparece, o sentimento é o que é. Ou ainda, para empregar a propria linguagem de Kant: o movimento é *phenomeno*, o sentimento é *nomeno*.

A consciencia é, como se sabe, o facto primordial, aquelle pelo qual tudo se explica e a que tudo reduz-se em ultima analyse, sendo a consciencia que nos explica o principio da unidade do mundo. A consciencia nos revela por um lado o movimento e suas multiplas transformações; e por outro lado o sentimento e suas continuas modificações. O movimento é de natureza exterior e por consequencia passageiro, aparente; o sentimento é de natureza interna e por consequencia, permanente, substancial.

O que verdadeiramente distingue os phenomenos de movimento, isto é, do mundo exterior, dos phenomenos de sentimento, isto é, do mundo subjectivo, é que os primeiros dão-se no espaço e no tempo, e os segundos, fóra do espaço e do tempo: quer dizer: os primeiros dão-se conforme o principio da representação e os segundos, conforme o principio da percepção.

Neste caso perguntamos: o sentimento será uma propriedade particular dos seres vivos, será um simples accidente na evolução da natureza; ou existe em cada coisa, em gráo de maior ou menor desenvolvimento, sendo, como o movimento, um facto universal? Mais cla-

ramente: a natureza é capaz de sentir, a natureza tem consciencia de que existe ?

E' o problema que propomos á mocidade estudiosa .

Não o discutiremos, nem no estado actual dos conhecimentos humanos tem-se uma base para levantar qualquer hypothese sobre tão elevado problema. Observe, porem, cada um a natureza; interrogue cada um a propria consciencia.

Uma cousa é certa e vem a ser que conforme se adapte relativamente a esse problema, uma ou outra solução, tudo muda quanto ao nosso modo de comprehender a posição do homem na natureza e portanto quanto ao nosso modo de comprehender e explicar as leis da conducta e da moralidade. Se a natureza é força cega, tudo isto que nos cerca é um deserto e nós que pensamos e sentimos, somos apenas simples pontos luminosos, isolados na noite infinita do espaço, sem que tenhamos nada de commum com o mundo. Se, porem, a natureza, como o proprio ser vivo, é sentimento e pensamento, tudo se illumina, tudo se esclarece, descançando a humanidade na convicção consoladora de que a evolução universal è, não um movimento continuo, mas uma acção permanente.

Deixando, porem, de parte o problema da consciencia no ponto em que fica collocado, tratemos de ver a que reduz-se o elemento sensível nos limites da observação experimental

O sentimento só póde ser objecto de estudo sendo localisado. E' o que resulta não somente das condições naturaes que só nos apresentam phenomenos de sentimento nos seres organicos, mas tambem da propria organização do espirito, segundo a qual só pode ser elaborada a observação experimental, mediante certos dados naturaes.

A consciencia localisa-se e só assim póde ser estudada. Ora, a localisação da consciencia é a organização. D'ahi o conceito da sensibilidade cuja theoria fica reduzida a proporções muito simples. Tudo reduz-se a um pequeno gru-

po de noções syntheticas, pelas quaes se poderá explicar sem grande exforço todos os factos da vida psychica, quer de natureza intellectual e cognitiva, quer de natureza emocional e esthetica. (1)

A sensibilidade é, pois, a organização da consciencia.

A organização da consciencia, isto é, a sensibilidade, distribue-se por differentes sentidos. Os sentidos são de duas especies: de localização determinada e de localização indeterminada. Os primeiros são propriamente os cinco sentidos: vista, ouvido, tacto, gosto, olfacto. Os segundos são comprehendidos sob a denominação geral de sensações musculares ou sensações organicas.

Se a sensibilidade é uma organização, deve funcionar. A funcção da sensibilidade chama-se sensação.

Eis em synthese toda a theoria da sensibilidade.

A sensação tem dous aspectos: o aspecto perceptivo e o aspecto tonico. Do aspecto perceptivo da sensação resultam a idéa e todos os phenomenos de natureza cognitiva. Do aspecto tonico da sensação resultam a emoção e todos os phenomenos de character esthetico. A sensação considerada sob o ponto de vista perceptivo nos dá uma representação; e sob o ponto de vista tonico, uma modificação natural, de maneira que a natureza percebendo representa-se, e sentindo, modifica-se.

Da face perceptiva da sensação nascem a idéa, o juizo e o conhecimento. A idéa é a cellula de que nasce o juizo; o juizo é o germem de que nasce o conhecimento.

Da face tonica da sensação nasce a emoção e a emoção é de character duplo-positiva ou negativa. A emoção positi-

(1) Emprega-se aqui a palavra esthetica sempre em sua significação mais ampla, e em sua significação mais ampla esthetica é a sciencia do sentimento.

va é o prazer, a emoção negativa é a dôr. E' o que se poderia dizer ainda por outro modo affirmando que o prazer é uma composição e a dor, uma decomposição de forças.

R. Farias Brito.

O NOME D'ELLA

De extranha singelleza, salpicada
de divinal e mystica doçura,
se veste o nome d'essa meiga fada,
virgem de virgindade extrema e pura.

A' terna vibração immaculada
d'esse nome divino, em minha escura
vida se expande doce luz, fulgura
de um esplendor tonante aureolada.

Sempre a banhar o peito meu de amor
tem o perfume d'ella, o mesmo odor
e tem de santo o que minh'alma anhela.

De minha juventude á fresca aurora
eu—que inda não vivi—ah ! vivo agora
ao dedilhar na lyra o nome d'Ella.

Flavio Belleza.

SOBRE O SUICIDIO

Não raras vezes no caminho enveredado das investigações, o homem sente-se abatido e fraco, e a razão vacillante periclita e treme. E' que elle se acha deante de factos tremendos, cuja grandeza horrivel traz lagrimas aos olhos levando a dôr a sua alma. Realmente que espirito, o mais forte, não se sente entristecido ante o quadro pavoroso de um homem que abjurando todos os principios puros de sua crença e calcando aos pès os deveres que lhe impõe a consciencia, attenta contra a existencia ?

Nenhum, julgamos nós.

Que nos importa, que uma seita antiga de philosophos gregos, considerando o suicidio, como um desprezo supremo da vida, preferissem-n'o á perda de sua liberdade, ou á tibieza de sua virtude ?

Que nos importa que nos tempos de Tiberio, os Romanos impregnados de doutrinas Stoicas, indulgenciando o suicidio, permittissem a morte voluntaria, em tepidos banhos, de envolta com o odor excitante de perfumes raros?

Que nos importa este regimen monstruoso, si temos a convicção de que este acto condemnavel, é devido á falta de conhecimento que tem o homem dos deveres a prehencher na vida, e tanto mais condemnavel quando importa na ignorancia absoluta da noção do bem e do mal, noção que sendo independente da percepção externa e portanto da observação, existe como um facto no seio de nossa intelligencia ?

Moysés, o sublime legislador dos tempos biblicos, prohibia as honras funebres ao cadaver do suicida.

N'esta religião de pura theocracia, a vida era considerada como um dom divino de que o homem não podia livremente dispor e o Christianismo seguindo n'este ponto a tradição Hebraica, anathematisou-o tão fortemente, que

a Igreja na idade media decretou penas contra os suicidas exercendo-as sobre o seu cadaver, aprisionado pela justiça e suppliciado em publico.

Comprehendemos a barbaridade de semelhante pena e somos accordes em que a moral do Christo, não prescreveu com o seu exemplo todo abnegação e soffrimento a execução tão de encontro aos principios de sua doutrina.

O homem que se mata é um espirito fraco, impotente para as grandes luctas, que não ousando encarar a dôr, emprega a sua actividade no acto inconsciente da destruição de si proprio, malbaratando a sua liberdade que o tornando perfeito concede-lhe a felicidade suprema ; accusando o destino de suas desgraças quando em maioria são ellas devidas á sua incuria.

Tal é a these christã que reprovando o suicidio endoessa o martyrio.

Se folhearmos as paginas auri-fulgentes da historia, veremos dous vultos grandiosos, impondo-se pelas suas idéas antagonicas : Catão e Regulo.

O primeiro, o austero Catão, aquelle mesmo que com a purpura da toga cobria o rosto nas festas dissolutas do Circo, suicida-se trespassando as entranhas com a espada.

O segundo, o vencedor de Ecnoma, preso dos Carthaginezes, soffre as torturas deshumanas do inimigo, esperando tranquillo a morte serena dos justos.

Catão, mata-se para não sobreviver ás desgraças da Patria, é o fraco.

Regulo faz do martyrio a escadaria sublime de sua immortalidade, este é o forte.

E eis como a philosophia e a Religião condemnão o suicidio, a maior violação dos direitos divinos e humanos, a negação completa do grito da 'nossa consciencia, na manifestação a mais real do instincto de conservação, o acto o mais desesperado das almas fracas, que obrigou Rous-

seu a considerá-lo como um latrocínio vergonhoso feito ao género humano.

Virgilio Côrtes Guimarães.



NOCTURNO

Tendo as faces em fogo, o cabelo ennastrado
De flôres virginâes, um sorrir delicado
A' flôr dos labios seus, e dispersos, pendentés
Sobre a espádua os anneis dos cabellos luzentes;

Ella veio afinal pousar as mãos nervosas
No teclado, e tirou essas notas chorosas,
Ião cheias de amargor, tão cheias da harmonia
Que se ouve ao por do sol, quando descamba o dia!

Breve silencio fez... depois, meigos, suaves
Como vozes de flauta, o gorgear das aves,
Ou echo a perpassar de colina em colina,

Ouvi, serenamente, uns sons que fluctuavão
Enchendo o espaço em torno!.. as auras suspiravão
Derramando o perfume agreste da campina.

Borges de Carvalho.



NA SERRA

I

Alvorece.

Para o poente, longe, os montes embebem as socegadas pontas firmes no azuleamento largo do céu; no oriente, o alagar silencioso da luz que sòbe por trás da montanha, tangencialmente, veste as coisas de uma toalha d'oiro.

Lá, indecisões lividas de crepusculo espiritualizando a paisagem; cá, vomitos de aurora ensopando tudo... tudo...

Pouco a pouco a villa se illumina.

E' uma luz loira, alegre e morna, esgueirando-se pelas janellitas que se rasgam, correndo as ruas que se movimentam, estilhaçando-se nas vidraças, uma luz boa que refocilla-nos á alma.

Tilinta o sino da igrejinha, de uma só torre polyedrica, alva como as almas das santas.

Passam raparigas que vão á missa de vestidos simples apertando a rijeza sadia da carne pubescente, riso franco e ingenuo no labio fresco de rosa e suave olhar jovial...

Ha por toda a parte uma alegria forte de hymno, triumphante, diluvial.

Emtanto, filha, sinto-me triste, porque não posso ver a alegria adoravel do teu semblante puro, que me é muito mais querida do que todos os hymnos, do que todas as alegrias da natureza....

II

Seis da tarde.

Da lactescente alvura do ceo, vestido de nevoa, escorrem os filetes sonoros da chuva, pousando nos lavados tehlhados nedios...

O frio è penetrante e mau.

Ouço o estrondo das torrentes, descendo n'uma furia de loucas para o fundo escuro dos barrancos.

Em cima, na lomba indeçisa da serra, as foscas tintas

da noite que se desenrola, sombreiam, fundem os contornos das casinhas que pintalgam o doce verde-escuro das mattas.

Nenhum transeunte, nenhuma janella aberta !!!

As tortuosas ruas da villa se immobilisam n'uma pesada calma de granito dormindo o somno de muitas idades...

Olhando para este scenario triste, magoadamente triste, meu afflicto coração vasio, sente desejos de ir indo, assim, parando serenamente, pausadamente, n'uma sombra de saudade infinita, que não se comprehende, que não se define...

Conceição, Janeiro, 93

Vianna de Carvalho.

(Do "Livro de Branca").

MIGNONE...

(AO JOSÉ AFFONSO)

Mimosa como um cão felpudo—a minha amada:
 —Magrinha, sensual, pequena, descorada,
 Risonha, intelligente, amavel,—cuidadosa
 Como dona de casa. A mãe, qu'era formosa,
 Foi-se ha muito p'ro Céu, ou não sei para onde.
 Chama-se ella Lily. Quando me vê se esconde
 E fica atraz da ret'la, olhando-me contente,
 E dando ao corpo esguio os geitos da serpente,
 Segundo me contou sua madrinha Elvira,
 —Um mocetão carnuda e bella, que me atira
 Uns olhares travêssos, doudos, sensuaes,
 E sorrisos bonitos como madrigaes. —

A Lily, a Lily,—a virgem descorada,
 Mimosa como um cão felpudo—, a adorada,
 Pequena, sensual, *mignone*, electrizante,
 —Cujo nome já puz n'um ról, p'ra minha amante!—
 Quando ás vezes me vê, já perto da janella,
 Onde ella se debruça á tarde, alegre e bella,
 E não póde fugir,—meu Deus! que insensatez!!—
 Arranja para o olhar, d'um gato a languidez,
 —Quando á sésta, deitado ao longo da varanda,
 Espreita mollemente a quem por alli anda...

Mas, comtudo, encontrei-a um dia n'um saráo
 E disse-lhe:— «Tu tens um geniosinho máo,
 «Pois que fóges de mim, que tanto te amo, tanto.»
 Ella me respondeu, levando-me a um canto:
 — «Ai! se eu fujo de ti, de ti, a quem adoro,
 «Por quem canto e sorrio e desespéro e chóro...
 «Não creias que sou má... juro p'la vida minha...
 «Quer tomar-te de mim...» «Mas... quem?!» «Minha madrinha!...»

E seus olhos baixando ás taboas do assoalho,
 Chorou... chorou... chorou... E deo-me tal trabalho
 P'ra tiral-a d'aquelle estado máo... nervoso.
 Buscando erudicção... ficando pezaroso...
 Que nem me lembro mais das phrases que empreguei...

O que é facto, meu charo, é que tambem... chorei.

Quando, emfim, terminou o lagrymal idylio,
 Fallou-me ella em Ponson, Victor Hugo, Virgilio,
 E deo-me em plena face um beijo tão fremente,
 Que ainda hoje, confesso, a face está... dormente...

Depois—ficou o mesmo: é só me ver, se esconde
Atraz da porta ou grade ou não sei mesmo aonde,
E fica a me encher gar, sorrindo de contente,
E dando ao corpo esguio os geitos da serpente...

Julho, de 1893.

Fernandez Sollér.

MATHEMATICA

Prestando, pois, á Lagrange a devida homenagem por haver, pelos seus importantes trabalhos, communicado ás partes principaes da mathematica um character de unidade que, antes d'elle, não existia, tributemos á Comte o profundo respeito á que faz jus pelo poderoso contingente com o qual concorreu para o desenvolvimento e perfeição d'essa sciencia. Reconhecemos que foi esse grande genio que coordenou as diversas partes da sciencia mathematica, de modo a imprimir-lhe um character de perfeita unidade.

E a fim de indicar com mais energia esse espirito de unidade que domina a sciencia, empregamos a expressão *mathematica* no singular conforme a opinião de Condorcet.

Convençamo-nos de que a definição da sciencia em questão, as suas divisões fundamentaes não foram estabelecidas com tanto rigor e perfeição necessarias senão por Comte.

DEFINIÇÃO DA SCIENCIA

Para se poder formar uma idéa geral do objecto da mathematica considerada em seu todo, cumpre conhecer a sua defi-

nição. Como é natural, desde os mais remotos tempos, tem-se procurado definir a sciencia em questão, mas por um facto inexplicavel, os geometras que precederam à Comte deram sempre plena acceitação a uma definição que, propria á infancia da mathematica, de modo nenhum podia ser abraçada, desde que pelos esforços do espirito humano, esta sciencia havia attingido um certo grão de desenvolvimento.

Vamos, pois, partindo da antiga definição, que, o quanto tem de vaga, tem de insignificante, remontar-nos áquella que, apresentada por Augusto Comte, é a unica capaz de corresponder á importancia, extensão e difficuldade da sciencia mathematica.

Define-se ordinariamente a mathematica, dizendo que é a *sciencia das grandezas*, ou, em termos mais positivos, *a sciencia que tem por fim a medida das grandezas*. Analysemos esta definição, acompanhando Comte em suas considerações á respeito deste ponto, indubitalvelmente o mais delicado e importante no estado de qualquer sciencia.

A idéa que, ao nosso espirito, apresenta a questão de *medir* uma grandeza, cifra-se na comparação directa ou immediata da grandeza considerada com outra da mesma especie que, de antemão conhecida, é tomada para servir de unidade.

Esta consideração mostra-nos evidentemente quão insignificante e incompleta é a definição acima. Apresentando a mathematica como tendo por objecto a medida das grandezas, conduz-nos ella a uma falsa idéa a respeito desta sciencia. Em lugar de caracterizar uma *sciencia*, junta uma verdadeira *arte*. E' assim que, concebida por aquelle modo a mathematica não se apresenta ao nosso espirito como um immenso encadeamento de trabalhos racionaes; pelo contrario, parece consistir em uma serie de processos mechanicos destinados á obter directamente, por operações analogas á superpo-

sição das linhas, as relações existentes entre as quantidades que se quer medir e aquellas que são tomadas para servir de termo de comparação.

Cumpre pois, corrigir a definição acima, cuja imperfeição consiste em apresentar como directo um objecto que, na maioria dos casos, é indirecto ; sem modificalla, impossivel é conceber a natureza da sciencia mathematica.

Fundamentemo-nos.

E' facto em circumstancias de ser universalmente observado que, na maioria dos casos, a medida directa de uma grandeza, por superposição, ou por outro processo analogo, é absolutamente impossivel ; de sorte que, se não despozessesmos de outros meios para determinar a medida das grandezas, isto é, se apenas podessemos fazer uso das comparações directas ou immediatas, ver-nos-hiamos forçados a renunciar o conhecimento da maior parte das grandezas.

Para bem apreciar o valor desta observação, consideremos um facto que, produzindo-se constantemente, é o mais simples de todos.

Supponhamos que se trata de obter a medida de uma linha recta por meio de outra linha recta. Esta comparação, susceptivel de ser realisada directamente em um limitadissimo numero de casos, em geral sómente é praticavel por meios indirectos.

Resulta isto da impossibilidade em que, na maioria dos casos, nos achamos de satisfazer á todas as condições necessarias para que uma linha recta seja susceptivel de uma medida directa. Assim, a primeira destas condições, que é a de poder percorrer a linha de uma extremidade a outra, a fim de applicar a unidade em toda a sua extensão, não póde ser preenchida para a maior parte das distancias, cujo conhecimento é de extrema importancia.

Taes são, por exemplo, as distancias que entre si

guardam os corpos celestes e a maior parte das distancias entre pontos terrestres.

Além desta primeira condição, cumpre que a extensão a medir não seja muito grande, nem muito pequena; porquanto, em ambos os casos a medida directa tornar-se-hia inexequível.

E' preciso tambem, que esteja convenientemente situada, etc.

Uma circumstancia que, abstractamente encarada, parece incapaz de dar lugar a difficuldades novas, é muitas vezes sufficiente para oppôr á medida directa um obstaculo insuperavel. Assim, a medida directa de uma linha, possivel de ser realisada quando ella está collocada em posição horisontal, torna-se muitas vezes impossivel, quando se a imagina em posição vertical.

Em summa, a medida directa ou immediata de uma linha recta apresenta uma tal complicação de difficuldades que, na maioria dos casos, as linhas susceptiveis de comportar uma medida directa, são artificiaes e, por nós, expressamente creadas para este fim.

O que dissemos á respeito das linhas, applica-se com mais forte rasão ás superficies, volumes, velocidades, forças, terrenos, etc., e em geral, a todas as grandezas que, susceptiveis de appreciação exacta, apresentam por sua natureza, maiores obstaculos á medida immediata.

Fica pois demonstrada a impossibilidade em que nos achamos de determinar, pelo emprego de meios directos a medida da maior parte das grandezas.

Foi justamente este facto, que provocou a formação da sciencia mathematica pelos primeiros philosophos da antiguidade: reconhecendo a impossibilidade de obter a medida directa das grandezas, o espirito humano foi levado a determinal-a por meios indirectos; e creou assim, aquella sciencia.

O methodo geral, o unico que pode ser empregado,

quando se trata de conhecer grandezas que não comportam uma medida directa, consiste em ligal-as á outras que susceptiveis de serem immediatamente obtidas, permitem determinar as primeiras pelas relações entre umas e outras existentes. Tal é o verdadeiro objecto da mathematica, considerada em seu conjuncto.

Para que fique bem assentado o juizo que, á respeito desta importante sciencia, se deve formar, cumpre attender á que a determinação da medida das grandezas pôde ser indirecta em grãos diversos.

Acontece, na verdade, que, em muitos casos, as grandezas de cujo conhecimento depende a medida d'aquellas que temos em vista determinar, não podem ser obbtidas immediatamente, e devem por conseguinte tornar-se, por sua vez, assumpto de nma questão semelhante, e assim por diante. Em taes circumstancias, somos obrigados a estabelecer uma longa serie de intermediarios entre o systema de grandezas desconhecidas, que constituem o objecto definitivo de nossas investigações, e o systema de grandezas susceptiveis de medida directa, por meio das quaes determina-se afinal as primeiras; não obstante parecerem, á principio, não ter com ellas a menor ligação.

Vejamos alguns exemplos.

Consideremos, em primeiro lugar, o phenomeno da quéda vertical dos corpos. Observando este phenomeno, reconhece-se logo que a *altura* de que um corpo cahe e o *tempo* gasto na queda, estão ligados entre si de tal modo, que um é funcção do outro. Neste caso, o phenomeno considerado dá lugar a uma questão mathematica, consistindo em substituir a medida directa da primeira das quantidades, que figuram no phenomeno, pela outra, desde que a medida da primeira não pode ser obtida immediatamente.

E' por esse meio que podemos, por exemplo, determinar de um modo indirecto, porem preciso, a profun-

didade de um principio, limitando-nos a calcular o tempo que um corpo gasta para chegar ao fundo.

Pode tambem dar-se o caso de ser impossivel determinar directamente o tempo da queda, ao passo que é facil conhecer a altura da qual o corpo cahe. Vê-se, pois, que o mesmo phenomeno pode dar lugar a outra questão mathematica, que consiste em determinar o tempo conhecendo-se a altura.

No exemplo precedente as questões mathematicas que podemos considerar são de extrema simplicidade, desde que não entrarmos em linha de conta com a variação que, com a distancia experimenta, a intensidade da gravidade, e desprezarmos os effeitos resultantes da resistencia offerecida pelo meio em que o corpo se move.

(Continúa).

VENCIDO

(AO JOSÉ DA PENHA)

E' difficil 'num peito juvenil
 Suster-se ^{em} os assomos da paixãc,
 E' difficil conter-se o coração
 Aos transportes do amor, ao seu ardil.

Oh! não se rende um peito varonil
 Nem ao troar medonho do canhão,
 Quasi sempre, porem, sem reacção,
 Entrega-se á belleza feminil!

Eu por mim, pois, confesso—estou vencido,
 E a essa lei natural já submettido,
 Por um ser adoravel, divinal;

Bem a custo contenho no meu peito,
 Comquanto ao soffrimento esteja affeito,
 —O fogo deste amor qu' é meu phanal.

Eutychio Galvão.

SONHOS E HALLUCINAÇÕES

(AO VIANNA DE CARVALHO)

...E ás vezes, quando a Cidade inteira dorme, vago, lentamente, como se fôsse o unico Ser vivo pelas ruas desertas, a errar entre as golphadas alagantes da chuva tenuissima com que o Luar prateia a Terra...

Tudo dorme. Dormem todos o somno pesado da meia-noute: e todas as cousas objectivas têm o sinistro torpor que a mão da morte immobilisa, suggerindo ao *noctambulo* uma vida passada, n'um recanto feliz do mundo antigo: civilisações extinctas, dormindo, para sempre, sob a lousa asphixiante dos marmores abandonados; e aos olhos do *sonhador* que vaga, n'uma ronda extravagante, surgem, desapparecem, brancas como squeletos, grandes cidades antigas em procissão phantastica.

Entre as primeiras do enorme cortejo reconheço Thebas cheia de grandes templos; Ninive de cem portas e Babylonia a dissoluta.

E outras e mais outras: campos cultivados de parras, oliveiras e trigaes, onde as virgens ceifeiras entôam cantos de Anachreonte; devem pertencer a Grecia antiga.

Um grande rio; arrasta em suas aguas rúttillas palhetas de ouro fino: é o Nilo... Surge o Egypto, o pulchro sacrario da sciencia antiga; e no vasto ancoradou-

ro, onde as aguas do Mediterraneo se confundem, erram as galéras douradas dos Romanos vencedores...

Outro rio a correr: o Ganges, o rio santo dos crentes de *Wichnou Sirak* e *Kali*; e entre juncaes côr de esmeraldas, segue-se Benarés, o azilo das crenças dos fieis á Boudha.

Ao pé de nm templo entalhado no granito rijo, vejo um velho *derviche* de longas barbas cor de leite: murmura orações, bate nos peitos e roja-se ao chão, terra a terra.

E eu continúo a sonhar acordado; deixo as *cousas* da Terra e ólho os astros do Ceu em seu brilho diamantino sob o azul, como um infinito canteiro de rozas brancas, aguadas pelas lagrimas das Santas, quando choram saudades dos que deixaram a soffrer na Terra...

E pouco a pouco as estrellas palidecem; é a luz do Sol invadindo o espaço todo: vem-me, então, a brusca suggestão da Vida: é preciso deixar de sonhar e recolher-me á massa inerme dos desilludidos, que mourejam *pelo pão de ccda dia*.

Desperto!

Um apito de vapor grita no ar, chamando obreiros a trabalho; e, de novo, ólho a Cidade dormente ainda, sob o seu letargo de acropole, em quanto do alto, em grandes golphadas de ouro, cahe a luz do sol que vem nascendo, e que destroe todo o grande, amigo e divino sonho que me deliciava...



ESTUDOS COROGRAPHICOS DO BRASIL

E' baseado na leitura de livros publicados por varios geographos e geologos, taes como : Wappæus, Sellin, Agassiz, Daria, Humboldt etc., que atrevo-me a escrever, si bem que resumidamente, a respeito dos accidentes orographicos de nosso sólo.

Quando lançamos uma vista d'olhos para a carta orographica da America do Sul, deparamos logo com os trez grandes massiços denominados : andino, guyano e brasileiro. E' pois de um desses trez massiços que vou tratar, é do massiço brasileiro, porque sou de opinião que todo brasileiro deve conhecer as riquezas naturaes de que seu sólo é dotado.

O Brazil, este paiz rico não só pela belleza de sua flora e fauna, como pela riqueza de seus mineraes, comprehende quasi todo o massiço brasileiro, parte do massiço da Guyana e da depressão do Amazonas que d'elle o separa, de parte da depressão do Paraguay, que o separa do massiço andino.

Observando-se a carta do Brazil ao N., vê-se que a depressão amazonica é cortada pelo rio Amazonas juntamente com seus affluentes. Vê-se tambem que esta depressão é relativamente estreita a E. do rio Negro, attingindo á sua menor largura proximo ao rio Xingú, entre os altos do Tapara ao S. e de Almerim, ao N : alarga-se porém a O. do rio Negro, tanto junto ao rio principal como a seus tributarios. Eleva-se muito para O., tanto assim que a maré é sensivel a 900 kil. da foz, em Obydos, Tabatynga a 3375 kil; está a 71 metros, segundo Agassiz; junto ao pongo de Manseriche, á 4100 kil.; o nivel do rio é de 1800 metros.

Com os rumos de N. e S., a proximidade dos massiços brasileiro e guyano torna-lhe a elevação mais rapida;

as cachoeiras dos tributarios mostram onde termina esta depressão.

Com as chuvas a depressão amazonica é periodicamente inundada, e dá-se um phenomeno nos affluentes do rio principal, que é o seguinte: quando, os affluentes da margem esquerda estão bastante cheios, os da margem direita trazem pouca agua, e vice-versa. Porem isto dá-se porque o rio estando um pouco abaixo do equador, e correndo quasi que paralelo a esta linha, os seus affluentes estando uns no hemispherio N. e outros no hemispherio S., é logico que conservem esta particularidade, pois as chuvas tropicaes cahem em epochas differentes n'um hemispherio e n'outro.

Com esta inundação, a depressão amazonica abunda em lagos e cortam-na numerosos paranamirins e furos, em parte devidos á formação de ilhas alluviaes, em parte talvez restos de um estuario antigo.

Para passarmos quasi immediatamente da depressão amazonica á do Paraguay é mister que subamos o Madeira e o Guaporé, onde observamos que essa depressão é atravessada diagonalmente por duas cadeias quebradas de morros que apparecem em Coimbra e no Fecho dos Morros a S e O., que segundo o Sr. W. Sellin estende-se em territorio brasileiro desde a junção do Jaurú com o Paraguay por 5° de latitude; e sua maior largura na parte septentrional, anda por 3° de longitude: não occupa menos de 120 mil kilometros de superficie.

Pelo que ficou dito vemos perfeitamente que para rodearmos o massiço brasileiro é necessario passarmos da depressão do Amazonas para a do Paraguay e fora do Brazil ainda e do Paraguay ao Paraná; para assim vermos que as depressões dos rios principaes servem como que de limite ou linha de separação dos massiços andino e guyano.

Agora tratemos de descer o rio Paraguay e Paraná afim de observarmos até onde se prolonga esta depressão; porém é bastante lançarmos uma vista d'olhos n'uma bôa car-

ta orographica do Brazil e veremos que essa depressão continúa junto aos rios citados até além de Buenos-Ayres.

Tratando da depressão do Paraguay diz o Snr. W. Sellin: «A parte d'esta planicie que fica ao N. do Fecho dos Morros está abaixo do nivel das enchentes do rio, e a parte mais septentrional é tão baixa que apenas se eleva acima das vasantes. Grande parte do anno fica debaixo d'agua, e os primeiros viajantes consideram-na como um lago immenso, a que deram o nome de Xaraes. Do Fecho dos Morros para o S., a planicie está acima do nivel das enchentes e sempre em relação a ellas rio abaixo.»

Segundo a opinião de Derby a planicie inteira, como a do Amazonas, deve sua existencia a um braço de mar; ou como diz Sellin: «Grande estuario que foi aterrado pelos detricos do rio.»

Feitas estas considerações a respeito das depressões do Amazonas, do Paraguay e Paraná, para rodearmos o massiço brasileiro, termino esta parte promettendo-vos caros leitores no proximo numero dar o resultado de meus estudos sobre outra região de terras baixas da margem oceanica que segundo Derby se compõe de uma cinta mais ou menos larga, situada entre a costa e a margem oriental do massiço central.

Fortaleza, 6 de Agosto de 1893.

Alcebiades de Mattos Guerra.

(*Continúa.*)

CHRONICA

Eis-me perante vós, leitores e leitoras gentis que sois... a esperança de um *repetente* em transpassar o *jubileu bombal*, *encalistrado* para escrever-vos uns gracejos. Não quero dizer com isto que tenho prettensões a *espi-*

rituoso, não é tal, pois ainda não tenho *diploma de engraçado*. A cousa é outra; é procurar no kalendario mensal dos acontecimentos alguns assumptos que sejam proprios a *flauta*, pelo que, esta sessão não se occupando de todos os occorridos que dão-se em um mez, e sim de um ou outro, deveria chamar-se, em preferencia a *chronica*, *riscos* e *beliscos*. Desde já, deixando a *chronica*, venho *beliscando*, ainda que não seja perú, pois *nem tudo que é duro é pau*, como disse São Sabino Baptista em sua obra—*lyro—philosophicas microscopicas*.

Tractemos de litteratura. Saudemos o talentoso autor do *Phantos*, por algumas de suas produções, e pranteiemol-o pelas faltas gravissimas em *portuga*, bem assim pela recommendação a seu livro, recommendação que não recommenda, mas que complica a situação de *litterato*. Peguemos o livro; abramol-o que encontraremos *Phantos* escriptos em lettras encarnadas como que declarando guerra a lingua portugueza e a metrificacão. Falheiemol-o que depararemos com a *Carta-Prefacio* do Sr. Antonio Salles. Leiamol-a: «O povo cearense,— e não sei si tambem o dos outros Estados, porque em boa hora o digo! (que admiracão é esta, Salles? Sô faz intorromper caminho as tuas palavras!) *nunca puz o pé um palmo* além das fronteiras do Ceará!... Basta *cruel!* Quo diabo de *capuz* é este, meu Salles? *Nnnca puz* é alguma obra a publicar-se na *Padaria?*

....«*nunca puz o pé um palmo* além das fronteiras do Ceará».....

Que linguagem *parnasiana* é esta, *poeta mio?* Qual o complemento directo da sentença: *o pé* ou *um palmo?*

Tens razão, minha maripoza; já sei o que quizeste dizer: *nunca puz o pé* além das fronteiras do Ceará nem um palmo; porém foste interrompido, quando escrevias *cartinha*, pelo Saby que te pedia a correcção da seguinte poesia:

Eu sou pombinha viuvinha errante
 Quando procura o maridinho seu ;
 Eu sou a roza quando exhala aroma,
 Salles—a graça do perfume meu !

Vem cá meu anjo,
 Vem cá Antony ;
 Senta-te ao lado
 Do teu Saby !

Mais adiante. porém no mesmo periodo:.....«o povo cearense, dizia eu, dá o pitoresco nome».... Basta insubordinado ! Está prezo a ordem do Bocorio ! Recolhe-te ao *B—A—Bá*, mais proximo ! Pitoresco nome empregado por um poeta *parnasiano* !

Agora entremos no João Lopes Filho.

Na *Igrejinha* lemos :

«Virgem santa fazei que eu seja bom e crente !

Eu amo-te ainda»... Ora *seu* Lopes, isso é poesia ou oração de beata ?

Já passou-se o tempo de *carolismo* em poesia ! E com que graça tractas a virgem santa por tu e vós ao mesmo tempo ! Apprendeste isto *nas negras melancholias do Amazonas* ? Na *Carta a Zephinha* (moço damnado, até suas cartas são em poesia !) *seu* Lopes diz:

Oh! quantas saudades e quantas recordações.
 Faz chorar o passado».....

Vem cá, meu Lopes. São as saudades e recordações que choram o passado, ou *vice-versa*? Está visto que são as saudades e recordações que choram, pois como tu, travesso, empregaste o sujeito, além de composto, no plural e o verbo no singular ?

Foi também pela *negra melancholia do Amazonas* ? Deixando ainda muitos defeitos por estarmos *encalistrados*, encontramos num soneto—«Adeus»—a seguinte sentença imperativa: *Ides para longe...*

Onde aprendeste essas novidades, Lopes? Foi na *Padaria* ou em *negra melancholia do Amazonas*? Quanto mais se vive mais se aprende, disse S. Antony em suas *Funcções e apontamentos politico—scientificos*.

*
* *

Lancemos nossas vistas para a *espírituosa padaria*. Os padeiros promettem publicidade de almanaks e não sei mais o que, quando, porém, o povo cearense souber ler. Estes padeiros são ingenuos! Ferem-se com as proprias armas!

Eu, apesar de não ser cearense, protesto contra tal graça de *candidatos ao desequilibrio mental*, para mostrar que os padeiros cospem para o ar e a saliva cae-lhes no proprio rosto.—O povo cearense não sabe ler; creio-o, pois só assim podemos explicar a ousadia dos *gaiatos* tentando invadir a litteratura cearense qual uma peste de formigões arraza um vergel florido, ou como uma praga de gafanhotos invade o Egypto.

Si o povo cearense não sabe ler, para quem os *Tonys*, *Sabys* e sua laia publicam suas obras? Para a China ou para a Fabúa? Ah! já sei!... é para elles mesmos, pobres mendigos litterarios, *mosquitos* que andam esvoaçando sobre os corpos scientificos, esperando abertura de uma chaga na litteratura para pouzarem sobre ella!

*
* *

Agora minhas senhoras (estou já chorando!). vós, minhas candidas leitoras, que me destes tanta honra lendo esta sessão; vós que achais o *Franbarme* tão sympathico, segundo sonhei; vós que sois o perfume de uma flor, a graça de um rizo, a melodia de um canto, a pureza de minh'alma, e a funcção de minha idèia!... vós, sympathicas cearenses, que tendes n'alma—a virtude e na phisionomia—o encanto, tendes de auzentar-vos por um curto espaço do *Franbarme*, *cuéra badejo* que abandona o mais sublime compendio por um rosto feminino. Passo a outro chronista a sessão.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Mensalmente

Trimestralmente

1000

2000

INTERIOR E EXTERIOR

Trimestralmente

Semestralmente

1000

2000

Pagamento adiantado

ESCRITÓRIO DA REDACÇÃO

na Rua São João, n.º 3

TORTALEZA